



Arquivo pessoal

de modelos, recebeu apoio e aprendeu que o importante é estar em sua melhor forma, saudável e confiante.

Redes sociais na linha de frente

As plataformas também tentam conter conteúdos nocivos. O TikTok, por exemplo, banuiu os usuários de pesquisarem pelas #skinnytok e #heroinchic, que direcionam para conteúdos que “idolatraram a magreza extrema” e dão dicas de perda de peso não saudável. Agora, as pessoas que usarem essas hashtags serão redirecionadas para recursos de apoio à saúde mental.

Mesmo com as medidas de segurança, os usuários seguem criando variações para driblar a moderação. No entanto, a plataforma reafirma o compromisso de excluir vídeos que parecem promover conselhos para um estilo de vida saudável, mas podem ser prejudiciais.

A psicóloga clínica Simone Cavalcante Bolor afirma que, quando o corpo magro volta a ser visto como o ideal, muitos jovens, principalmente mulheres, passam a acreditar que só serão aceitos se se encaixarem nesse padrão, o que gera angústia, culpa e insegurança. De acordo com ela, mesmo sem as hashtags, as imagens e os discursos que evidenciam o corpo ideal ainda aparecem e sustentam ciclos de restrição e compulsão. “Na clínica, é comum ouvir jovens dizendo que, mesmo quando tentam se afastar, acabam sendo puxados de volta pelo algoritmo, sentindo-se cada vez mais inadequados.”

Para a psicóloga, o risco da anorexia e da bulimia associada à cultura da magreza dos anos 2000 pode se repetir de forma ainda mais amplificada por conta das redes sociais. Entre os

Por meio das redes sociais, Mayra Fernandes incentiva as mulheres a superarem as inseguranças e terem mais confiança em relação aos seus corpos e curvas

existe uma certa resistência.” Além disso, a influenciadora nota que muitas marcas falam sobre diversidade para acompanhar o movimento, mas, na hora de criar campanhas, escolher casting e pensar em grade de produtos, a realidade ainda não reflete esse discurso.

A modelo brasileira Joquebede Tavares, 21, acredita que o corpo magro merece representação, mas é essencial prezar pela saúde e diversidade. De acordo com ela, por meio das redes sociais, a popularização e a exposição de práticas e procedimentos estéticos aumentam a distinção entre a magreza natural e a obtida por meio de práticas extremas. “Existe um caminho para que a magreza natural seja valorizada sem que seja confundida com práticas nocivas”, salienta.

Para Joquebede, o mercado tem olhado para diferentes formas e estilos, o que a deixa feliz, mas não a impede de cair em pressões estéticas que, na maior parte das vezes, vêm dela mesma. Apesar de ter se cobrado diversas vezes para estar mais em forma e ter mais corpo, desde que entrou na agência

Arquivo pessoal



A modelo Joquebede Tavares reforça a importância da rede de apoio no processo de aceitação do próprio corpo

Reprodução/Pinterest



Kate Moss era o grande símbolo da cultura heroin chic

SINAIS DE BUSCA EXCESSIVA PELA MAGREZA

- Evitar refeições em grupo.
- Falar constantemente de calorias ou de “culpa” por comer.
- Perder muito peso em pouco tempo.
- Treinar mesmo quando está cansado ou doente.
- Apresentar mudanças de humor.
- Isolamento social.
- Evitar refeições ou inventar desculpas para não comer, inclusive em casa ou em outros momentos do dia.

Fonte: psicóloga clínica Simone Cavalcante Bolor.

comportamentos que se assemelham aos da época estão esconder comida, usar roupas largas para disfarçar o corpo ou se exercitar de forma exagerada.

Saúde em voga

O Ozempic e outros remédios indicados para diabetes tipo 2 se tornaram objeto de desejo para quem busca emagrecimento rápido. Ainda que realmente tenham finalidade médica, muitos usam esses medicamentos sem prescrição adequada, apenas como canetas emagrecedoras.

Presidente do conselho deliberativo da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica (Abeso) e diretora do departamento de Obesidade da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), Cintia Cercato afirma que, embora a semaglutida tenha sido inicialmente aprovada para diabetes tipo 2, ela tem um programa robusto de estudos clínicos para o tratamento da obesidade. De acordo com ela, mais de 60% da população brasileira tem excesso de peso e uma em cada quatro pessoas tem obesidade, mas menos de 2% desses 25% está em tratamento farmacológico.

Apesar da busca por tratamento alcançar pessoas que realmente precisam, também há aqueles que utilizam o medicamento unicamente para fins estéticos. “Existe um padrão de beleza, uma pressão da sociedade que as pessoas querem estar mais magras e, como a gente tem um tratamento bastante eficaz para uma doença complexa, que é a obesidade, muitas pessoas que não têm excesso de peso acabam o utilizando pelo desejo social de ser mais magro”, salienta Cintia.

Mesmo que as canetas emagrecedoras ajudem a eliminar alguns quilos, o sofrimento pode não estar só no corpo, mas na relação com a própria imagem. Nesses casos, os sentimentos de insegurança e inadequação permanecem. “O risco é acreditar que o remédio vai resolver tudo, como se fosse uma ‘fórmula mágica’ para se sentir bem. Isso pode gerar dependência emocional: medo de parar, sensação de que sem ele não terá valor e até frustração, porque, muitas vezes, a insatisfação não desaparece mesmo emagrecendo”, destaca a psicóloga Simone Cavalcante Bolor.